

'Fraga e Sombra' e o dia 16 de julho de 1950: o presságio enigmático de Drummond

'Fraga e Sombra' and the 16th of July 1950: Drummond's Enigmatic Omen

Cleber Ranieri Ribas de Almeida

Universidade Federal do Piauí, Teresina/PI, Brasil

Doutor em Filosofia, USP

ranieriribas@yahoo.com.br

RESUMO: O poema “Fraga e Sombra”, de Carlos Drummond de Andrade, foi publicado pela primeira vez no jornal *Correio da Manhã* (RJ) do dia 16 de julho de 1950. A data de publicação, portanto, “coincide” com o dia em que a Seleção Brasileira de Futebol perdeu a final da Copa do Mundo de 1950 para a Seleção do Uruguai, no Maracanã. Tudo indica que Drummond enviou o poema para a redação do *Correio da Manhã*, propositalmente, com a intenção de que o texto fosse publicado naquele domingo. Lido dessa perspectiva, à luz dos acontecimentos daquela tarde e dos dias que a antecederam, “Fraga e Sombra” nos soa como um vaticínio sombrio e enigmático. Nosso propósito, nesse artigo, é interpretar o poema, verso a verso, tal como se fosse o testemunho pessoal do poeta que, naquela semana, viu o povo brasileiro amargar a mais humilhante derrota de sua história recente.

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Drummond de Andrade; Copa do Mundo de 1950; Maracanazo; Poesia e futebol.

ABSTRACT: The poem “Fraga e Sombra”, by Carlos Drummond de Andrade, was first published in the newspaper *Correio da Manhã* (RJ) on July 16, 1950. The date of publication, therefore, “coincides” with the day on which the Brazilian Football Team lost the final of the 1950 World Cup to the Uruguay team, at Maracanã. Drummond sent the poem to the editorial office of *Correio da Manhã* with the intention that the text would be published that Sunday. Read from this perspective, in the light of the events of that afternoon and the days that preceded it, “Fraga e Sombra” sounds like a dark and enigmatic prediction. My purpose in this article is to interpret the poem, verse by verse, as if it were the personal testimony of the poet who say, that week, the Brazilian people suffer the most humiliating defeat in their recent history.

KEYWORDS: Carlos Drummond de Andrade; 1950 World Cup; Maracanazo; Poetry and Football.

Correio da Manhã

5º CADERNO DOMINGO
 Não pode ser vendido 16 de Julho de 1950
 separadamente

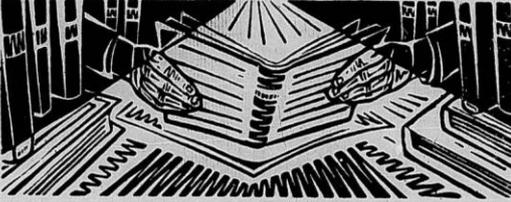
* SUPLEMENTO DE LITERATURA E ARTE *

A QUELE magro exemplar encadernado de "Sagesse" que está me olhando ali das estantes, desperta-me reminiscências que se associam intimamente a um dos episódios decisivos de minha vida.

Em princípios de 1927, metaram-me na cabeça a idéia de ser vendedor ou representante comercial. Sem refletir que não tinha lido paralisso, consegui as indispensáveis cartas de apresentação e, como na conhecida canção popular, tomei um dia para o Rio.

O's projetos de ganhar dinheiro que me trabalhavam o pensamento naquela hora confusa, em que eu devia tomar uma decisão positiva da vida!

A bordo, e isso não era uma coisa natural, fiz estreita camaradagem com um castro valiente, que vinha do nordeste para arrastar novas representações. É' claro que, nessa



DE MEU CADERNO

EUGENIO GOMES

cidade era o vazio da estatura que voltava. Já me deitava com desambaraço diante de vitrines de livraria, imprudência que dantes procurava evitar. Um mesmo para frequentar aquelas casas, de cujas montanhas livros me aconchavam como velhos amigos, prometendo-me delícias, a que eu já não tinha forças de resistir. Quis levar um deles para o hotel, e vacilei, pensando se isso não importava numa traição... Lá estaria o companheiro de quarto para me reprovar a deturcação as coisas feitas descobrindo-me o traço ou o vício que me indispensava para a carreira. Pensei francamente em sair-lhe, mudado de hotel. Nessa altura, já sentia abusos de qualquer conversa sobre negócios. Mas, sem isso, meu companheiro de quarto não podia passar ou respirar: exigente absorvido em seus pulmões era um fluido de citras...

voras, que tinha o vício de ler, e de ler justamente aquelas coisas que nenhum representante comercial que se pressa poderia tolerar. É' provável que éle me tenha falado sobre algum livro. Talvez tenha ido além, citando frases de Eça ou alguma crônica de Humberto de Campos. A verdade é que não tinha nada de livroco: os casos e anedotas que contava eram tirados diretamente da vida, com o calor e o sentido prático de uma imaginação despachada.

Abrindo-se em confidências, narrou-me pela metade talvez um caso sentimental, mas advertindo que não era nenhuma louca para se casar com uma pequena que não tivesse pelo menos cem contos de réis. Na época, isso representava quase uma fortuna; dava para comprar uma fazenda de gado ou um palacete lá do nordeste.

Hei de ter feito algumas confidências também, como não?, mas sempre ocultando o segredo de minha vida que, revelado, a éle, homem de negócios, sinceramente empunhado em estimular a minha iniciação comercial, podia receber de seus lábios uma condenação arrasadora.

O segredo estava naquilo de eu ser um sujeito que, no momento, tentava mudar de rumo, enganando-me a mim mesmo, para convencer pelo mundo de Mercúrio...

Havia alguma arte nesse disfarce para eu não ser tomado, desde o primeiro instante, como um intru-

FRAGA E SOMBRA

Carlos Drummond de Andrade

*A sombra azul da tarde nos confrange.
Baixa, severa, a luz crepuscular.
Um sino toca, e não saber quem tange
é como se êste som nascesse do ar.*

*Música breve, noite longa. O olfango
que sono e sonho ceifa devagar
mal se desenha, fino, ante a falange
das nuvens esquecidas de passar.*

*Os dois apenas, entre o céu e a terra,
sentimos o espetáculo do mundo,
feito de mar ausente e abstrata serra.*

*E calcamos em nós, sob o profundo
instinto de existir, outra mais pura
vontade de anular a criação.*



ngo para o hotel e, detendo-me a comprido na cama como quem se prepara indolentemente para penetrar, pela porta do sono, um mundo de evasões, abro sotregamente o livro de Verlaine.

Quando li as palavras de abertura onde está dito que o poeta tomou guido nessa obra pelo sentimento de suas frequências e pela tembrança de seus fracassos, percebi naturalmente conforçado que podia encontrar ali a ressonância de um sentimento íntimo. Também eu me considerava um fracassado, naquela instante, e me voltava para a poesia como para um pórtico de salvamento.

Por enquanto, naquele pobre quarto andinho de hotel, onde só falávamos em coisas utilitárias, "la chanson bien sage" subiu docemente das páginas do livro e capralou-se, envolvente e caifeteira, como um rio matinal de sol.

Era esse a atmosfera, quando meu companheiro embarastou pela porta do quarto a dentro, sobrapondo pesada pasta de couro. O livro estava preso às mãos como uma taça de abacaxi no tremulo mão de um bebedor incorrigível. Meu companheiro quis saber o que era que eu estava lendo com tamanho interesse que quase nem dava com a sua presença. De-lhe a vez o livro e quando os seus olhos inquietos se voltaram para mim havia neles algumas coisas que significava uma grande consideração por minha sorte...

INTRODUÇÃO

Publicado pela primeira vez em 16 de julho de 1950, no jornal *Correio da Manhã*, o poema "Fraga e Sombra", de Carlos Drummond de Andrade, é conhecido como uma das composições mais niilistas e sombrias da trajetória poética do bardo mineiro. A data de publicação, como podemos perceber, "coincide" com o dia em que, numa fatídica tarde de domingo, no estádio do Maracanã, a Seleção Brasileira de Futebol

perdeu a final da Copa do Mundo de 1950 para a Seleção Uruguaia. Desde então, esse dia passou a ser conhecido nacionalmente como “o dia da derrota”. Sabemos que, à época, o *Correio da Manhã* não publicava edições às segundas-feiras, por isso, não houve edição no dia 17 de julho, mas apenas no dia 18, terça-feira, quando as notícias sobre o fiasco já estavam estampadas em todos os jornais do Brasil. Como se tratava de um jornal matutino diário, é provável que a edição do dia 16 de julho já estivesse impressa durante a madrugada, sendo distribuída às bancas da cidade no início da manhã. Essa informação, uma vez confirmada, nos dá indícios de que “Fraga e Sombra” seja um poema passível de interpretação profética, sobretudo quando o lemos à luz daquele acontecimento futebolístico catastrófico, tão marcante para as pretensões de autoafirmação nacional.

Ainda que a fortuna crítica drummondiana jamais tenha interpretado o poema por esse viés (certamente porque a informação acerca da data da publicação passou despercebida), creio que valha à pena assim o examinarmos. Começamos então pela suposta intenção do poeta. É certo que Drummond enviou o poema para a redação do *Correio da Manhã*, propositalmente, com a intenção de que o texto fosse publicado naquele domingo, 16 de julho, dia da final da Copa de Mundo. É provável também que o poeta tenha repassado o soneto ao editor do jornal no dia 15 de julho, sábado. Ao escrever o poema, o poeta, provavelmente, tinha a intenção de retratar seu estranhamento pessoal ante aquela euforia futebolística que mesmerizava o povo da cidade e do país inteiro. Diante dessa euforia do “triunfo por antecipação”, como diria Paulo Perdigão (2014), o poeta se sentia deslocado, uma vez que se via alheio às celebrações e festejos que tomavam conta das ruas da cidade. Esse distanciamento involuntário entre o poeta, solitário e melancólico, e seu povo, eufórico e feliz, é a tônica do poema. E por isso nos soa como se Drummond anteviesse o que estava por vir naquela tarde.

Estávamos na semana em que a Seleção Brasileira goleou a Suécia por 7x1, em 09 de julho, e a Espanha, por 6x1, em 13 de julho, ambos os jogos lembrados como exibições apoteóticas diante de um público de mais de 150 mil espectadores. Tudo transcorreu no prazo exíguo de sete dias dos quais seis foram marcados por festas, comemorações e celebrações às vitórias conquistadas. O ápice desse arrebatamento se deu no jogo contra *La Furia*, quando uma multidão de 150 mil torcedores se pôs a cantar a marchinha de João de Barro, “Touradas de Madri”,

entoada entusiasticamente a cada gol do escrete brasileiro. Como disse o técnico Flávio Costa, era como se os jogadores “jogassem ao som d[aquela] música”: “Brasil e Espanha foi a maior partida que se viu no Maracanã até hoje. O espetáculo mais lindo que pode haver: o povo dançava e cantava, e os jogadores pareciam jogar ao som dessa música”.¹ Além do ensurdecido canto coletivo, os torcedores agitavam seus lenços brancos em sinal de “adeus aos espanhóis”:

Além do show dos lenços que se agitavam, centenas de fogos explodiam, balões verde-amarelos subiam, bandeiras moviam-se, o povo cantava a versão brasileira de *Cielito Lindo*. O Maracanã parecia estremecer em uma efusão coletiva, que atingiria o apogeu após o quarto gol, marcado por Chico aos 11 minutos da segunda etapa: impelido pelos gritos de “olé” da multidão, um grupo começou a cantar a marcha carnavalesca *Touradas em Madri* [...]. De imediato, todo o Maracanã passou a fazer o mesmo, em coro de mais de 150 mil vozes, puxadas pela Charanga do Flamengo, de Jaime de Carvalho, eleito pela loja Dragão dos Tecidos o chefe da torcida organizada brasileira.²

A euforia da torcida no estádio extravasou para as ruas da cidade e do país “como se a taça já houvesse sido arrebatada”. Um júbilo coletivo tomou conta do povo. Os programas de rádio transmitiam otimismo e orgulho patriótico. O Maracanã e a cidade do Rio de Janeiro tornaram-se metonímias do Brasil. E, enquanto isso, Drummond, sozinho, tentava escrever mais um poema para o seu novo livro, ainda sem nome, mas que viria a ser intitulado *Claro enigma*.

“FRAGA E SOMBRA”: ENTRE O CARNAVAL E O LUTO

Lido dessa perspectiva, à luz dos acontecimentos do dia 16 de julho de 1950, “Fraga e Sombra” nos soa como um vaticínio sombrio e enigmático. Ainda hoje aquele fim de tarde “nos confrange” com sua “luz crepuscular” que sobre nós recai como uma “vontade de anular a criatura”. Para o povo brasileiro, aquela foi a mais trágica tarde de sua história recente, quiçá, a mais trágica tarde na história de uma civilização cujo *ethos* é o amor pelo lúdico.³ Para desvendar esse enigma, começemos pelo título do poema. Drummond nos remete a uma paisagem de penhascos que projetam sombras sobre o chão; daí o título: “Fraga” (penhasco ou rocha escarpada, símbolo

¹ COSTA in PERDIGÃO. *Anatomia de uma derrota*, p. 64.

² PERDIGÃO. *Anatomia de uma derrota*, p. 63.

³ MEIRA PENNA. *Berço Esplêndido*, p. 221-33.

da queda ou do declínio) e “sombra” (uma metáfora da melancolia lúgubre que domina o eu-lírico e o país naquela hora vespéral). Tal paisagem montanhosa (mineira, itabirana ou carioca) decalca a personalidade do eu-lírico: melancólico, sombrio, fragoso. O verso “a sombra azul da tarde nos confrange”, por sua vez, nos fala de uma tarde que atormenta, angustia e mói o poeta. O que o confrange é a expectativa de algo que está por vir, não podemos precisar se seria o anseio de fazer um poema, a percepção melancólica do cair da noite ou a expectativa do início do jogo que iria acontecer naquele domingo à tarde, expectativa que recaía sobre o poeta e sobre todo o povo brasileiro.

Ao fim da tarde, o poeta observa a “luz crepuscular” que paulatinamente “baixa, severa” enquanto o sino de uma igreja ressoa no ar. A “música” que esse sino “tange” é “breve” (geralmente, perdura entre 15 e 30 minutos antes da Missa), mas prenuncia a “noite longa” que está por vir. Ao olhar para o céu, o poeta vê um “alfanje” que “mal se desenha, fino” ante “a falange de nuvens esquecidas de passar”, isto é, ele vê a lua em formato de “alfanje”, recurva e prateada (nesse caso, vê a lua minguante, já que o dia 14 de julho de 1950 era o último dia do ciclo lunar). Essa lua minguante em formato de alfanje, à hora das Vésperas, simboliza a morte, seja a morte do dia, seja a morte do próprio poeta, noite após noite mais próximo do fim, seja a morte simbólica de um povo. A lua-alfanje redesenha no céu da tardinha a imagem da foice da morte, a foice que “sono e sonho ceifa devagar”; ela está recoberta por uma “falange” de “nuvens esquecidas de passar”, todas imóveis e suspensas no céu que se esfuma.

Depois dessa descrição de uma paisagem crepuscular, nos dois tercetos finais do poema o poeta volta a empregar a primeira pessoa do plural que havia utilizado no primeiro verso do soneto (“A sombra azul da tarde *nos* confrange.”). E assim diz: “Os dois apenas, entre céu e terra,/ sentimos o espetáculo do mundo,/ feito de mar ausente e abstrata serra”. Mas, afinal, quem seriam esses “dois apenas”? A interpretação de Thiago Teixeira (2018) é percuciente e honesta quando enfatiza que: “a maior dificuldade para compreender o poema está no pronome *nós*. Perguntamo-nos quem está falando, coisa impossível de se afirmar com exatidão.

Pode ser tanto o eu-lírico e a amada, o eu-lírico e algum familiar, pode ser o poeta e o leitor, como pode ser uma espécie de voz demiurga”.⁴

Todas essas possibilidades de interpretação do *nós* são plausíveis porque estamos diante de um ponto cego. Entretanto, se considerarmos o contexto em que o poeta redigiu o poema – às vésperas de uma final de Copa do Mundo numa cidade em absoluto estado de euforia e espera – podemos seguir dois caminhos hermenêuticos: uma interpretação contextual (como propus até aqui) e uma interpretação premonitória (como sugeri, ainda que sem desenvolvê-la). Ambas são complementares, não excludentes. Na primeira, a evocação desse “os dois apenas” pode designar o cortejo do poeta para com a musa da poesia em sua tentativa solitária de criar um soneto ao fim de uma tarde de sexta-feira (ou sábado, não podemos precisar). O poeta pode ainda estar descrevendo a luta entre seus dois eus interiores, tal como o fez em “Contemplação no Banco” e em “A Máquina do Mundo”. Seria a luta entre Drummond, o homem comum, mineiro vindo de um lugar “de mar ausente”, e o Drummond-poeta, pessoa pública que toma para si a árdua tarefa de criar poemas cujas “serras” (ou “fragas”, ou “penhascos”, diria Cláudio Manuel da Costa) são apenas palavras “abstratas”.

Nesse drama interior, trancado num apartamento no Edifício Luiz Felipe, na Rua Conselheiro Lafayete, 701, Drummond tentava criar um poema em meio ao “espetáculo do mundo” que ocorria nas ruas do Rio de Janeiro naqueles dias. Povoada por cidadãos de vária nacionalidade e envolta numa atmosfera de festa dionisíaca, a cidade encarnava a antítese da personalidade melancólica de um poeta em luta apolínea com suas dificuldades criativas. Drummond, como ele próprio declarou, não era dos mais afeitos por futebol.⁵ E, naqueles dias, nada além de futebol importava para o povo brasileiro.⁶ Ante o tédio de uma cidade em compasso de espera para assistir a uma partida de futebol, o poeta tentava, em seu ofício

⁴ TEIXEIRA. Fraga e Sombra – Carlos Drummond, 2018.

⁵ “Não entendo nada de futebol, mas tenho simpatia pelo Vasco da Gama, no Rio; pelo Cruzeiro, em Belo Horizonte, e pelo Corinthians, em São Paulo.” (ANDRADE et alli, 1978, p. 8). Segundo Danilo Barcelos (2020), “Desligado de análises táticas, despreocupado com escalações, Carlos Drummond de Andrade traz outros aspectos para suas colunas, em especial o torcedor, como foco central de sua atividade de poeta. O futebol só vale na estrita relação com as paixões humanas que provoca, com a beleza estética que produz, nas associações que movimenta. Sem o torcedor, não importa o desempenho dos atletas”.

⁶ Segundo Perdigão (2014, p. 79) “Lia-se em *O Estado de S. Paulo* na manhã do dia 16: ‘O Rio está vivendo do futebol. Só se fala nisso. O Campeonato do Mundo absorve todas as atenções. Os hotéis estão abarrotados, os trens, navios e aviões estão chegando pejados de torcedores’. E em *O Globo*: ‘Veio gente do Rio Grande do Sul e de todos os recantos do Brasil’”.

solitário e taciturno, redigir um poema. Nessa luta interior, “sentindo” esse “espetáculo do mundo”, os dois eus de Drummond testemunhavam aquele instante que “calcava” em ambos “outra mais pura vontade de anular a criatura”.

Essa pulsão de morte, contudo, não seria uma vontade suicida propriamente, porque o suicídio levaria o poeta a renunciar à vida. Por isso ele nos fala de “*outra mais pura/ vontade de anular a criatura*”. Existiria então uma vontade “menos pura”? Para um camusiano, como Drummond era àquela altura, o suicídio não poderia ser solução, porque seria uma fuga do fardo da vida e seus absurdos. Nessa lógica, a mais pura vontade de anular a criatura seria aquela na qual a morte, como solução para o homem, não daria a ele o conforto espiritual de uma esperança de salvação. A “pureza” da anulação da criatura estaria nesse “morrer irreconciliado” com as metafísicas da consolação.⁷ Assim, Drummond seguiu seu guia filosófico, Camus, quando o franco-argelino afirma: “a criatura é minha pátria”.⁸ Drummond assim descreve-nos seu drama pessoal em meio àquela atmosfera carnavalesca, o drama de um poeta brasileiro que não se sente sintonizado com as esperanças de seu povo, alheio à euforia lúdica da “pátria de chuteiras”. Ironicamente, essa dissintonia poeticamente confessada pelo vate seria desmentida pelo elemento profético do soneto.

O que é mais assustador nesse poema, portanto, é seu caráter premonitório e vaticinante. Dessa perspectiva, o *nós* designa o povo brasileiro e o poeta, seu portavoiz; “fraga” representa a tragédia da derrota,⁹ da queda e da humilhação coletiva; “sombra” nos remete a um fim de tarde fatídico, marcado pela profunda tristeza de uma nação que chorava “num só coro”; os versos “calcamos em nós/ [...] outra mais pura vontade de anular a criatura” nos remetem a dor de uma gente que, desenganada, perdeu-se no caminho de volta para casa, embriagou-se até amanhecer nas sarjetas, suicidou-se, enfartou, envolveu-se em brigas de rua, perdeu alto em suas apostas, chorou, descreu da realidade e tentou negá-la, perdeu a inocência, silenciou e, simbolicamente, morreu.¹⁰ Drummond nos fala da morte

⁷ CAMUS. *O mito de Sísifo*, p. 43.

⁸ CAMUS. *O mito de Sísifo*, p. 63.

⁹ Como afirmou Flávio Costa, técnico daquela seleção de 1950: “O dia 16 de julho de 1950 ficou marcado no calendário brasileiro como o Dia da Derrota” (*apud* Perdigão, 2014, p. 10).

¹⁰ Sobre os acidentados e mortos depois do jogo temos a notícia do *Correio da Manhã* do dia 18 de julho de 1950, intitulada “Pessoas Acidentadas Durante o Jogo Brasil e Uruguai”. Depois de sequenciar uma enorme lista de nomes, o jornal nos relata que um homem “morreu de tristeza com o resultado do jogo”: “A decepção que se apoderou de todos os brasileiros depois do

simbólica de um povo que, acometido por essa “outra mais pura vontade”, sentiu vergonha de ser, ante os olhos do mundo, o que se julgava ser: pusilânime, destinado à derrota e ao fracasso, racial e intelectualmente inferior, incapaz de sucesso no que quer que faça, covarde. A vontade de anulação é “mais pura” porque sobreveio depois da Queda, portanto, ela reencena a perda da inocência, não do primeiro homem, mas de toda uma gente. É a pureza de uma vontade coletiva cujo ímpeto é desaparecer; pureza de um povo que aprendeu na dor a reconhecer sua própria miséria.¹¹ Sabemos por diversos testemunhos que, após do fim do jogo, toda a gente silenciou e chorou como se fosse um dia de luto.

Eram dias de campanha eleitoral e a Copa do Mundo foi politicamente usada por diversos candidatos. O Governo Federal e os homens públicos do país valeram-se do evento para difundir a imagem do Brasil como grande nação diante do mundo. E a face exibida aos povos não foi a de uma nação vitoriosa, mas fracassada, festiva e pusilânime. Assim se sentiam os brasileiros. Por isso Drummond nos fala da “falange de nuvens esquecidas de passar”. Essa “falange” pode designar aí a imensa torcida de 54 milhões brasileiros que ouviam a narração do jogo pelo rádio, além dos 200 mil que testemunharam a tragédia com seus próprios olhos. Antes da partida, essas falanges comemoravam (antecipadamente) as glórias da maior conquista futebolística nacional, como se a festança fosse eterna e o tempo inamovível; depois do jogo, após o doloroso ritual da derrota, permaneceram silentes e paralisadas pela incredulidade. Afinal, tanto a alegria eufórica quanto a tristeza fúnebre dão-nos a impressão de que o tempo jamais passará, como se aquele momento fosse eterno, como se fosse um tempo “esquecido de passar”. Perdigão descreve bem essa falange de torcedores “esquecidos de passar” após a derrota:

resultado da peleja com os uruguaios, domingo último, foi impressionante. Todos, indistintamente, os que gostam e os que não gostam de futebol, sentiram o fracasso da nossa equipe quando já nos considerávamos os campeões do mundo, e um manto de tristeza e desolação invadiu a todos os brasileiros, chegando a causar funestas consequências, como ocorreu com o marinheiro reformado João Soares da Silva, de 58 anos de idade, solteiro, residente à rua do Monte, sem número. João Soares não conseguiu entrada para assistir ao jogo, porém acompanhou, atentamente, todos os lances da peleja pelo rádio. Terminada a irradiação, João Soares levantou-se, pálido de emoção e tristeza, declarando: ‘O Brasil morreu!’. Logo depois caía vitimado por um colapso que lhe causou a morte.”

¹¹ Como escreveu Gustavo Corção (1896-1978) na Tribuna da Imprensa de 18 de julho: “Gente chorava nas ruas. Fisionomias abatidas, cabeças curvadas, olhos vermelhos, tudo respirava uma espécie de luto nacional, como se a nossa honra, posta em jogo lá no campo pela retórica oficial, tivesse sofrido realmente um perigoso revés” (Corção *apud* Perdigão, ano, p. 147).

O jogo encerrou cerca de 16h45min, e a torcida demorou mais de vinte minutos para deixar o estádio. ‘Os brasileiros recusavam-se a acreditar que a partida tinha acabado’, diz Máspoli. Permanecer o mais possível no estádio, isto é, “frente ao jogo”, era uma modalidade simbólica de fazer perdurar o próprio jogo, e, com ele, a “possibilidade de vitória” – ou seja, uma modalidade simbólica de “poder não sofrer”. Mas surge a necessidade de “encarar o real” e entregar-se à desolação. Às 17 horas, as pessoas estavam indo embora, salvo aquelas que persistiam em continuar no “campo da luta”, chorando, como diversas fotografias documentam.¹²

Paralisados pelo trauma, sem reação, os brasileiros recusaram-se a sair do estádio, porque sair dali significaria aceitar a realidade daquele pesadelo. Os dias que se sucederam após a derrota foram dias de revivescência persistente daquela experiência traumática. “Por que perdemos?”, perguntavam-se jornalistas, escritores, políticos e homens do povo. Seria um problema intrínseco a nossa personalidade de povo colonizado e multirracial? Ou a pusilanimidade seria um traço de caráter exclusivo daqueles jogadores, soldados derrotados pela guerra futebolística? As respostas se contradiziam, certamente porque não tínhamos resposta. O futebol se transformara, desde então, numa metonímia da civilização brasileira, e o dia 16 de julho seria lembrado por seus testemunhos como uma maldição do passado, dia do fracasso, da vergonha, do vexame, da desonra.

O poema de Drummond, nesse contexto, capta a atmosfera nacional que, em uma semana, foi do céu ao inferno. O clima de carnaval converteu-se em luto, a euforia dionisíaca em disforia lúgubre. O poema então nos fala de um anoitecer “severo” que recobriu todo o povo brasileiro, confrangido, esmagado. A falange seria aquela multidão em cortejo fúnebre zanzando pelas ruas do Rio de Janeiro, incrédula, depois do jogo. É provável que, no dia em que o poema foi publicado, Drummond tenha visto, da sacada do seu apartamento em Copacabana, uma multidão silenciosa voltando para casa, arrastando os pés, amuada, sorumbática. O sonho da autoafirmação nacional fora ceifado num só golpe pelo alfanje que surgia no céu em forma de lua ao fim daquela tarde. Restava a nós, apenas, a vontade de autoanulação.

Não por acaso Drummond usou o verbo “calcar”, no sentido de uma “interiorização” da derrota e do estigma de um povo que passou a se julgar inferior, incapaz de triunfar, fracassado, menor. Como assinalou Teixeira (2018), calcar tem o mesmo radical que *decalcar*, isto é, “copiar uma imagem em papel vegetal para se

¹² PERDIGÃO. *Anatomia de uma derrota*, p. 146.

reproduzir em outro local”, mas também se desdobra em *recalcar*, “introduzir com força, uma repressão, um mecanismo mental de defesa do ego contra ideias ameaçadoras”. O poema se propôs, de um modo profético e assustador, decalcar a trágica história daquela derrota e daquela gente desolada. A nação recalçada pela derrota foi tomada por uma pulsão de morte, aquela que “calcou em nós” “a mais pura vontade de anular a criatura”.

CONCLUSÃO

O mistério do poder visionário dos poetas que previram eventos futuros é algo recorrente na história da literatura ocidental.¹³ De algum modo, nós, leitores, sabemos que presságios e premonições poéticas, de fato, ocorrem, embora não saibamos explicar como ou por quê. Talvez por situar-se nesse ponto cego da crítica materialista o fenômeno visionário seja tão pouco estudado. Deixamos aos teólogos e aos místicos a difícil tarefa de compreender a misteriosa relação entre poesia e profecia, decerto porque reconhecemos no poder de vaticínio dos poetas uma capacidade quase sobrenatural que desafia os limites racionais da atividade crítica.

No caso de “Fraga e Sombra”, como dissemos, o elemento supostamente profético se deve ao fato de que Drummond concebia sua poesia como um esforço de representar o homem comum do Brasil; via-se como um porta-voz da alma do brasileiro, como um “José”, por isso versava sobre as angústias, fantasmas, alegrias e desilusões de sua gente. Revelava seus próprios segredos porque os reconhecia

¹³ Há poetas que chegam a descrever com minúcia os eventos que os levarão à morte, como é o caso de Mário Faustino, quando descreveu com espantosa riqueza de detalhes o acidente de avião que o vitimaria em 27 de novembro de 1962 (“dorme a caravana de meu ser; / Ser em forma de pássaro/ Sonora envergadura/ Rulando asas de ferro sobre o fim/ Dos êxtases do espaço,/ Cantando um canto de aço nos pomares/ Onde o tempo não treme,/ Onde frutos mecânicos/ Rolam sobre sepulcros sem cadáver”). Lorca, outro exemplo espantoso, foi baleado, capturado e morto pela milícia nacionalista de Franco; posteriormente foi enterrado numa vala coletiva sem qualquer identificação do corpo. Num poema intitulado “A Fábula e a Roda dos Três Amigos” previu sua morte anônima sete anos antes que ela se consumasse. Vaticinou então: “compreendi que haviam me assassinado./ Percorreram os cafés e os cemitérios e as igrejas,/ abriram os tonéis e os armários,/ destroçaram três esqueletos para arrancar seus dentes de ouro./ Já não me encontraram./ Não me encontraram?/ Não. Não me encontraram. (Lorca, 2004). Esses presságios de morte ocorreram, também, na poesia de Shelley (“my spirit’s bar kis driven/Far from the shore”) e Alvarez de Azevedo (“Se eu Morresse Amanhã”), entre outros que não caberiam aqui. No caso de Drummond, alguns admiradores já se referem ao poema “Lira Itabirana”, no qual o poeta supostamente vaticinou a catástrofe de Mariana, ocorrida em 2015. Há, portanto, uma misteriosa relação entre poesia e profecia, relação essa que, de algum modo, transborda os limites racionais da crítica e extravasa para questões de ordem mística e teológica.

como segredos de todos os brasileiros. “Fraga e Sombra” seria um exemplo desse esforço de representação, dentre tantos outros poemas em que Drummond reencarna poeticamente os dramas e personagens nacionais. Não o faz, portanto, como um apresentador objetivo e distante de seus personagens, mas como um poeta participante que observa e retrata sua gente com tal fidelidade que ela se reconhece no que o poeta descreve. Torna-se assim, o poeta, criador de um mundo poético que reproduz o mundo comum partilhado por seu povo. E esse ato criador é, ele mesmo, uma imitação do ato criador divino, já que, para criar, o Criador usou o verbo. Poetas e profetas são criadores de mundos. E “Fraga e Sombra” é o poema que, silenciosamente, melhor reconstituiu o sentimento de morte partilhado por todos os brasileiros naquele domingo que se esqueceu de passar em nossa memória. Por isso, pensando no poder de vaticínio dos bardos, a poetisa Anna Akhmatova (1958) tenha sentenciado: “No mundo não há poder mais ameaçador e terrível/ Do que a palavra profética do poeta”.

* * *

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. “Fraga e Sombra”. **Correio da Manhã** (RJ), 5º Caderno, 16 de julho de 1950. Disponível em: <https://bit.ly/3ESvvFK>. Acesso em: 25 de fev. 2022.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Luís Maurício G. Drummond e Pedro Augusto G. Drummond. (Orgs.). Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond de; CAMPOS, Paulo Mendes; BRAGA, Rubem; SABINO, Fernando. **Para gostar de ler** – volume 3 – crônicas. São Paulo: Ática, 1978.
- BARCELOS, Danilo. Bem-Aventurados os que não entendem nem aspiram a entender: os textos sobre futebol de Carlos Drummond de Andrade. **Ludopédio**, 2020.
- BERNHARD, Sylla. “Trauma coletivo – notas sobre um conceito disperso”. In: MACEDO, Ana Gabriela; SOUSA, Carlos Mendes de; MOURA, Vítor. (Orgs.). **Conflito e trauma**, Vila Nova de Famalicão: Húmus, 461-76, 2015.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- COSTA, Cláudio Manoel. XCVIII – Destes Penhascos Fez a Natureza. **A Poesia dos Inconfidentes**. (Org. Domicio Proença Filho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

- FAUSTINO, Mário. **O Homem e sua Hora**. São Paulo, Cia das Letras, 2003.
- GELLER, STEPHEN A. “Were the Prophets Poets?” **Prooftexts**, v. 3, n. 3, Indiana University Press, 1983, p. 211-21.
- LORCA, F.G. “A Fábula e a Roda dos Três Amigos”. **Frederico Garcia Lorca: Obra Poética Completa**. Brasília: Ed. UnB/Imprensa Oficial, 2004.
- MEIRA PENNA, J. O. **Berço Esplêndido**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1974.
- MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- PESSOAS ACIDENTADAS DURANTE O JOGO BRASIL E URUGUAI. **Correio da Manhã** (RJ), 18 de julho de 1950. 1º Caderno. Disponível em: <https://bit.ly/3VFmaYG>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- REEDER, R. **Anna Akhmatova**. Poet and Prophet. New York, St. Martin’s Press, 1994.
- TEIXEIRA, Thiago. Fraga e Sombra – Carlos Drummond. **Escritos Sobre Escritos, 2018**. Disponível em: <https://bit.ly/3Foxtiw>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- VOGEL, Arno. “O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: DAMATTA, Roberto. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

* * *

Recebido em: 11 mar. 2022.
Aprovado em: 04 dez. 2022.